Entrevista

com **PAULO RENATO SOUZA** - *Ministro da Educação*
concedida em abril de 2002

O Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, é o entrevistado desta edição de Augusto Guzzo Revista Acadêmica. Fazendo um balanço de sua gestão à frente da pasta, desde o primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, destacou o salto qualitativo do ensino superior ministrado pelas instituições públicas e, principalmente, pelas privadas, fruto das avaliações sistemáticas promovidas pelo ministério e que, segundo ele, vão prosseguir com rigor. Para Paulo Renato, o grande desafio do próximo governo na área da educação é democratizar o acesso ao ensino superior, promovendo a universalização do ensino médio, uma vez que, afirma, o “investimento na educação é o caminho efetivo para uma melhor distribuição de renda”.

A.G.R.A. - Durante sua gestão à frente do Ministério da Educação, quais os temas que mais o preocuparam dentre todos os desafios apresentados no campo da educação superior?

PAULO RENATO - A grande preocupação foi criar condições para a expansão da oferta do ensino superior, pois há uma demanda grande decorrente da melhoria do fluxo nos níveis fundamental e médio. Em sete anos, mais de um milhão de pessoas entraram no ensino superior. Em 1994, eram 1,6 milhão de estudantes; hoje, são 2,6 milhões. Agora, trata-se de uma expansão com qualidade, por isso criamos um amplo sistema de avaliação, no qual se destaca o Provão.

A.G.R.A. - O senhor afirmaria que nos últimos anos houve uma real transformação no nível de ensino capaz de mudar o paradigma da Educação Superior no Brasil?

PAULO RENATO - Acredito, em primeiro lugar, que quanto mais escolarizada uma sociedade, melhor ela é. E a evolução dos conceitos do Provão mostra que o sistema como um todo está melhorando. Um exemplo claro: as Instituições de Ensino Superior criadas após a implementação do Provão têm sido melhores do que as que existiam antes, pois já foram criadas dentro de novas regras e demonstram a preocupação com melhor qualidade.

A.G.R.A. - O trabalho de avaliação dos cursos de graduação foi iniciado sistematicamente em 1997. Em que medida essas avaliações têm retratado a realidade das Instituições de Ensino Superior e criado condições para melhorias?

PAULO RENATO - Os números estão aí, disponíveis para quem quiser ver. Todas as séries de avaliações estão no portal do MEC na Internet, ou no site do INEP (www.inep.gov.br). Os indicadores são positivos. Tem havido um esforço das universidades públicas e particulares por melhorar seu ensino, porque quem escolhe aonde vai fazer seu curso superior está cada vez mais atento à qualidade do que lhe será oferecido. Hoje, temos, em todos os níveis, um dos melhores sistemas de avaliação de ensino do mundo.

A.G.R.A. - Quanto às instituições privadas, houve um salto qualitativo? O senhor citaria algum exemplo?

PAULO RENATO - As instituições privadas são justamente as que estão melhorando a passos mais largos. As universidades públicas já têm um histórico de qualidade, ainda são e devem continuar sendo a referência de qualidade do sistema. Não gostaria de citar nenhum exemplo, porque desmereceria o esforço que vem sendo feito pela grande maioria das instituições privadas.

A.G.R.A. - Ainda sobre avaliação. Uma das dificuldades apontadas pela comunidade acadêmica é a discrepância entre os padrões exigidos pelas comissões de avaliação de desempenho e as expectativas das Instituições de Ensino Superior. Como o ministério tem encaminhado este conflito?

PAULO RENATO - O Ministério da Educação faz, e continuará fazendo, avaliações sistemáticas da qualidade do ensino ofertado, com o rigor necessário.

A.G.R.A. - Considerando o caráter dinâmico das sociedades contemporâneas, como o senhor classificaria o sistema educacional brasileiro em relação ao desenvolvimento econômico e tecnológico? A universidade está preparada para as céleres mudanças?

PAULO RENATO - O sistema universitário brasileiro se desenvolveu muito e muito rápido em sua história. Nosso sistema de pós-graduação sempre foi muito bom. A CAPES, que financia pesquisas, fez 50 anos no ano passado. Todo o desenvolvimento econômico acelerado que o Brasil viveu no século 20 deve-se, em grande parte, à capacidade de produção do conhecimento do nosso sistema de ensino superior. Hoje, com a revolução tecnológica, a produção de tecnologia precisa ser feita por um conjunto maior de instituições, empresas, redes de pesquisa etc, mas a universidade brasileira vem se adaptando, mantendo e criando centros de excelência e está apta a enfrentar os novos desafios que se apresentam.

A.G.R.A. - A educação superior deve ser um foro para a renovação constante e a prática da pesquisa científica. Como se encontram os investimentos do governo federal nestes campos? O senhor acredita que a participação de empresas privadas no financiamento da pesquisa nas universidades públicas e particulares é um caminho viável? A pesquisa, neste caso, poderia desviar-se de seu foco e atender apenas aos interesses dessas empresas?

PAULO RENATO - Os investimentos estão acontecendo. A grande novidade foi a criação de novos fundos de pesquisa: fundo do petróleo, de infra-estrutura de pesquisa, fundo de telecomunicações e outros que, paulatinamente, estão sendo implementados. A criação dos fundos transforma de maneira substantiva o cenário do financiamento e da gestão da pesquisa no país, pois significa uma estabilidade para o financiamento da pesquisa e um volume expressivo de recursos em execução neste e nos próximos anos, algo em torno de 550 milhões até 2003. E importante: são fundos que independem das vicissitudes do orçamento da União, uma velha reivindicação dos pesquisadores do país.

Quanto à participação de empresas no financiamento à pesquisa, trata-se de questão importante, desde que preservada a autonomia das universidades. A sociedade e as universidades vêm discutindo isso e chegarão a um consenso. Agora, quanto mais recursos, de fontes diversas, estiverem vinculados à produção de pesquisa e tecnologia, tanto melhor.

A.G.R.A. - Sob seu ponto de vista, de que maneira a educação pode contribuir para uma melhor distribuição de renda no país?

PAULO RENATO - Investir na educação é o

melhor caminho porque é mais efetivo. Com a educação, você capacita as pessoas para obterem melhores trabalhos, melhores salários e assim por diante. Veja o programa bolsa escola, criado pelo MEC, e que hoje já atende 8,3 milhões de crianças em todo o Brasil. O dinheiro da bolsa escola é uma ajuda, um estímulo para que as famílias mantenham seus filhos na escola. Porém, não é uma renda mínima que vai tirar ninguém da pobreza e sim muitos e muitos anos de estudo. E é isso que se pretende. Seguramente daqui a dez, doze anos, o Brasil estará colhendo os frutos das iniciativas realizadas agora.

A.G.R.A. - O sistema de reserva de vagas em algumas universidades públicas destinadas a determinados setores da sociedade refletem, de certa forma, a desigualdade social, ou seja, nem todos podem ter acesso a um ensino de qualidade. O senhor acredita que este sistema poderá, em parte, minimizar esta desigualdade?

PAULO RENATO - Com a universalização do ensino fundamental e o crescimento acelerado das matrículas no ensino médio, estamos certamente no caminho da democratização do acesso ao ensino superior. Acredito na capacidade de desempenho do estudante brasileiro de qualquer origem social, quando estimulado e apoiado.

A.G.R.A. - Os recursos destinados à educação têm sido aplicados em sintonia com os problemas brasileiros?

PAULO RENATO - Com a criação do FUNDEF, resolvemos de uma vez por todas a questão do financiamento do ensino fundamental, nosso problema histórico. Isso melhorou muito em todos os aspectos, desde o investimento efetivo de 15% dos orçamentos estaduais e municipais, até a melhoria de salário dos professores. Isso era imprescindível e urgente. Fizemos. Era no ensino fundamental que se dava a clivagem social, quem ia adiante e quem ficava pelo caminho. Com o FUNDEF e agora com o bolsa escola, tomamos as medidas necessárias para fazer as crianças permanecerem na escola e terminarem os oito anos do ensino fundamental.

A.G.R.A. - Para finalizar, na sua opinião, quais deverão ser os principais desafios para o próximo governo no campo da educação?

PAULO RENATO - O próximo desafio passa pela ensino médio que vem crescendo como nunca na história do país e isso é muito bom.